



JUVENTUDES E MASCULINIDADES GAYS: REVISITANDO ALGUNS ESTUDOS

JUVENTUD GAY Y MASCULINIDADES: REVISANDO ALGUNOS ESTUDIOS

GAY YOUTH AND MASCULINITIES: REVISITING SOME STUDIES

Danimar Bonai¹

Rita Cristine Basso Soares Severo²

RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado profissional em Educação, que objetiva investigar a produção das masculinidades gays entre jovens, homens, no cotidiano escolar, atravessados por suas singularidades e sociabilidades inerentes ao espaço escolar. A metodologia utilizada para este artigo é de natureza teórica, de maneira que, para encontrar as produções científicas acerca do tema proposto, transitamos em três portais: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES/MEC, Repositório Digital da UFRGS – LUME e Google Acadêmico. A partir da revisão realizada e da subsequente interpretação dos saberes à luz dos estudos culturais, pós-estruturalistas, estudos de gênero e sexualidades, consideramos que homens jovens gays, em meio ao cotidiano escolar, compõem um vasto campo de possibilidades de ser e estar no mundo. Talvez se possa falar em uma luta por espaço, mas não exatamente o espaço físico das paredes, e muito mais aquele ligado à cultura do corpo, que está a ponto de contar novas histórias de sujeitos que reivindicam o direito à diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais. Juventudes. Masculinidades gays. Escola.

RESUMEN

Este artículo es un extracto de una investigación de maestría profesional en Educación que tiene como objetivo investigar la producción de masculinidades homosexuales entre jóvenes, hombres, en la vida escolar cotidiana, atravesada por sus singularidades, la sociabilidad en el cotidiano escolar. La metodología utilizada para este artículo es de carácter teórico, de manera que para encontrar producciones científicas sobre el tema propuesto transitamos por tres portales: Catálogo de Tesis y Disertaciones CAPES/MEC;

¹ Mestrando em Educação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutorado em Educação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.

Repositorio Digital UFRGS – LUME y Google Scholar. De la revisión realizada y la interpretación posterior del conocimiento a la luz de los estudios culturales, del postestructuralismo, de los estudios de género y las sexualidades consideramos que los jóvenes homosexuales en el ámbito escolar constituyen un vasto campo de posibilidades de ser y estar en el mundo. Quizás podríamos hablar de una lucha por espacio, pero no exactamente el espacio físico de las paredes, y mucho más aquél vinculado a la cultura del cuerpo que está a punto de contar nuevas historias de sujetos que exigen el derecho a la diversidad.

PALABRAS-CLAVE: Estudios Culturales. Jóvenes. Masculinidades homosexuales. Escuela.

ABSTRACT

This article is an excerpt from professional master's research in Education that aims to investigate the production of gay masculinities among young men, in everyday school life, crossed by their singularities, sociability in the school space. The methodology used for this article is theoretical in nature. To find scientific productions on the proposed topic, it was possible to use three portals: Catalog of Theses and Dissertations CAPES/MEC; UFRGS Digital Repository – LUME and Google Scholar. Based on the review carried out and the subsequent interpretation of knowledge in the light of cultural studies, post-structuralism, gender and sexual studies, we consider that young gay men in the school space make up a vast field of possibilities for being in the world. Perhaps we can talk about a fight for space, but not exactly the physical space of the walls, and much more that linked to the culture of the body that is about to tell new stories of subjects who demand the right to diversity.

KEYWORDS: Cultural Studies. Youths. Gay masculinities. School.

Apresentando o tema proposto

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado profissional em Educação que objetiva investigar a produção das masculinidades gays entre os jovens, homens, no cotidiano escolar, atravessados pelas suas singularidades e sociabilidades. A motivação de pesquisa emerge a partir da trajetória de vida de um dos sujeitos-autores desse texto, pois foi através da construção da sua identidade gay no decorrer do seu itinerário escolar que muitas situações de preconceito ou aceitação social aconteceram. A metodologia utilizada para este artigo é de natureza teórica, de modo que para encontrar as produções científicas acerca do tema proposto esquadramos três portais: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES/MEC; Repositório Digital da UFRGS – LUME e o Google Acadêmico. A partir da revisão e interpretação dos saberes obtidos entendemos que homens jovens gays em meio ao cotidiano escolar constituem um vasto campo de possibilidades de constituição.

A partir da revisão e interpretação realizadas nesta busca, entendemos que homens jovens gays, inseridos no cotidiano escolar, representam um amplo campo de possibilidades de construção identitária, fortemente moldado pela cultura escolar. Esse contexto permite que diversas expressões e modos de ser ganhem forma, evidenciando a escola como um campo de luta, onde os jovens negociam e transformam suas identidades, enquanto afirmam suas singularidades. Assim, a escola se configura não apenas como ambiente acadêmico, mas como um território de disputa e resistência, onde esses jovens constroem e afirmam suas identidades em constante diálogo com as normas e dinâmicas da cultura escolar.

Os conceitos de corpo, masculinidades, juventudes e homossexualidade permeiam a construção desta pesquisa, e reconhecemos que apresentam tanto semelhanças quanto diferenças entre si. É importante ressaltar que, neste primeiro momento do texto, não pretendemos estabelecer definições complexas para esses termos; essa atividade será desenvolvida ao longo da escrita, permitindo uma abordagem mais aprofundada e contextualizada à medida que o texto avança.

Nesse âmbito, cabe mencionar que tais conceitos apresentam aspectos em comum com relação as suas construções se darem muito em virtude do contexto histórico, sociológico e cultural envolvido, assim não podem ser entendidos como categorias *a priori*, mas como conceitos plurais e multifacetados.

Juventudes e masculinidades gays

Inicialmente é pertinente indagar o que se diz quando se utiliza a palavra juventude(s)? Ela se torna imprecisa quando posta no singular? É profícuo estudar as juventudes numa perspectiva linear? Marcadores de diferença como, por exemplo, classe, raça, gênero, sexualidade, economia, constituem o itinerário formativo dos jovens no decorrer do cotidiano escolar.

Carles Feixa ao tratar de como poderiam se desenvolver as pesquisas acerca das juventudes adverte para que não seja uma

[...] pesquisa de velhos que analisa a juventude, nem apenas de jovens que se estudam, mas que haja um diálogo intergeracional, uma interação que enriqueça mutuamente, posto que nós possamos ancorar com ideias, teorias e fatos de outros momentos da pesquisa em juventudes (2018, p. 325).

Esse tipo de abertura é fundamental ao se estudar as diferentes gerações para que o percurso estabelecido esteja próximo da realidade, de modo a formular questões potentes em torno do que se investigou. Em outras palavras, que não se efetue uma mera representação visando reforçar e endossar o que já se sabe, outrossim que possa ser denso a ponto de criar conceitos novos acerca do contexto investigado.

Nenhum sujeito, jovem ou não, existe e age alheio as categorias de espaço e tempo, dado que ocorre um atravessamento constante delas nos sujeitos envolvidos. Andamos lado a lado com a história, tudo o que fazemos se transforma em história, pois somos sujeitos do e no tempo. Nessa perspectiva, conforme Mario Margulis (1996, p. 11, grifo do autor) a “juventude é um conceito esquivo, construção histórica e social e não mera condição de idade. Cada época e cada setor social estipulam formas de ser jovem”, sendo fundamental buscar compreender cada período histórico em sua conjuntura.

Tendo em conta os autores citados, entendemos que as juventudes são históricas, plurais e possuem várias maneiras de se constituírem. A contemporaneidade está constantemente forjando modos de ser jovem a seu modo, como é marca de todo período histórico. “Esse processo de formação de identidades é formado por uma via de mão dupla: entre aquilo que os jovens herdam e a capacidade que cada um tem de construir seus próprios repertórios culturais” (SANTANA; ROCHA; PASQUALLI, 2023, p. 215). Nessa ótica, tratar das juventudes como campo de estudos implica pensar em sentidos plurais.

A idade cronológica do sujeito situa este de maneira parcial socialmente, pois o fator biológico não leva em consideração questões de raça, classe, gênero, por exemplo, que atravessam a constituição da vida juvenil. De acordo com Ester Meyer e Sandra Andrade (2014, p. 89) “a idade não se constituiria, então, como um dado biológico, mas seria um construto processado pela história e pela cultura, conectando-se com, e traduzindo-se como um pertencimento geracional”. Nessa direção, ser jovem negro gay numa realidade urbana periférica é diferente de ser jovem negro gay num espaço de classe média-alta. Outro exemplo, um dos autores desse texto cresceu numa realidade de interior e viveu sua condição jovem-gay de maneira diferente de outros sujeitos que cresceram em centros urbanos.

Ocupar-se das culturas juvenis como campo de estudos segundo Carles Feixa (2018, p. 317) “[...] não afeta apenas as juventudes, mas afeta a outros grupos de idade, envolve tanto as infâncias como os adultos, os que atuam, participam e atuam como jovens ao longo da vida, ou seja, a juventude é algo mais amplo que o período

cronológico”. Em outra medida, as juventudes envolvem modos de ser e estar no mundo que rompem a uma delimitação temporal exata. Tratar das juventudes como epistemologias de conhecimentos quer dizer levar em conta uma série de transformações iminentes que podem ocorrer nessa seara investigativa.

O estudo das juventudes tem relação intrínseca ao conceito de gerações. Conforme as palavras de Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996, p. 26, tradução nossa) “a geração é uma estrutura transversal, da experiência histórica, da memória acumulada. A geração, mais que a correspondência ao período do nascimento, remete a história, ao momento histórico em que se foi socializado”. Assim, falar em geração não é simplesmente apontar uma data qualquer no calendário, mais do que isso se refere a utilizar um conceito que remete a um período histórico imbuído de suas particularidades.

Buscando entrelaçar o estudo das juventudes sob o viés das masculinidades gays, podemos indagar como ocorre a constituição dos jovens gays, a partir do cotidiano escolar. Entendemos o conceito de masculinidades como atrelado à construção de modos de ser homem, que estão constantemente sendo tensionados à medida que novas formas de viver as masculinidades surgem e expandem, questionando as noções hegemônicas usuais. Por isso, não é adequado falar em masculinidade no singular; a masculinidade gay representa mais um jeito de articular as masculinidades, que, por sua vez, também são plurais, existindo diversas formas de masculinidades gays.

Conforme Fernando Seffner e Luciano Silva (p. 39, 2014)

a masculinidade só pode ser definida no interior das relações de gênero e de sexualidade, em conexão com outros sistemas de relação, e não será nunca uma definição cristalizada, pois [é] fruto de tensões, disputas e interesses próprios da cultura [...]” sendo marcada por uma incessante disputa de (res)significações.

Para Stuart Hall (1997), as representações não são meras reflexões ou imitações da realidade, mas, ao contrário, constroem significados e contribuem para a formação de identidades. Nesse sentido, algumas configurações de masculinidades se sobrepõem a outras, destacando-se as ditas hegemônicas. Podemos esboçar um perfil básico dessas masculinidades ao observar que ser homem, branco, jovem, de classe média alta, heterossexual e católico-cristão constitui um conjunto de atributos representados como ideais, compondo o que se entende por masculinidade hegemônica.

Por outro lado, as masculinidades gays são frequentemente representadas como dissidentes ou abjetas, dependendo do contexto social que as constrói e fabrica, pois são posicionadas à margem da heteronormatividade compulsória e, assim, desafiam a concepção de que a heterossexualidade é natural ou inata.

Nesse contexto, para Seffner e Silva (2014, p. 41), "é importante destacar que não apenas temos que reconhecer a existência de diferentes masculinidades, mas que uma exerce um papel de dominação sobre as demais, embora essa posição possa variar ao longo do tempo". Essa dinâmica evidencia como as representações das masculinidades hegemônicas podem, em certo momento histórico, ser reconfiguradas, transformando as concepções de masculinidade específica e influenciando o que se considera ideal ou dominante.

O conceito de representação é amplamente discutido por Stuart Hall em seu livro *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, publicado em 1997. Nesta obra, Hall explora como as representações culturais não apenas refletem a realidade, mas também a constroem, sendo fundamentais para a formação de identidades e para a manutenção de relações de poder. Ele discute como significados são criados, compartilhados e disputados no interior das práticas culturais, abordando a maneira como diferentes grupos e identidades são representados na mídia e na sociedade.

Essas expressões – "bicha", "enrustido", "baitola", "veado", "sodomita", "entendido", "fresco", "discreto" – são algumas das conotações comumente utilizadas na sociedade para referir-se às masculinidades gays. Esses termos, geralmente carregados de estigmatização, servem para construir e reforçar, de maneira consciente ou inconsciente, uma hierarquia que posiciona a masculinidade heterossexual como a única forma legítima de ser homem. Essa estrutura hierárquica se fundamenta na afirmação de uma masculinidade hegemônica que valida sua identidade pela negação e silenciamento das masculinidades dissidentes.

Para Stuart Hall (1997), os significados são produzidos através da linguagem e das práticas culturais, que não apenas refletem o mundo, mas também o constroem e mantêm relações de poder. A estigmatização de masculinidades que fogem à heteronormatividade compulsória evidencia o uso da linguagem como prática de representação. Esse uso reforça um sistema de significados no qual o "ser homem" está intimamente ligado ao modelo heterossexual, relegando outras masculinidades a uma posição de subalternidade e estigma.

No campo dos estudos sobre masculinidades, autores como Seffner e Galet (2016) também reforçam que a masculinidade hegemônica não é um estado fixo, mas um conjunto de práticas sociais e representações que consolidam relações de poder ao marginalizar expressões de gênero que não se alinham com a norma heterossexual. Essa lógica permite que as masculinidades gays sejam vistas como abjetas ou dissidentes, em um processo de hierarquização que sustenta a centralidade da heterossexualidade como única expressão legítima de masculinidade.

A masculinidade se produz no encontro constante entre o individual e o cotidiano social, tudo aquilo que a pessoa vive no dia a dia. As vivências acontecem em instituições, que são, portanto, “generificadas”, pois portam pedagogias do gênero, ensinam a ser homem e a ser mulher e distribuem poder entre essas duas posições de sujeito. A família é uma dessas instituições, lugar de reprodução de valores e normas sociais e também de criação de novos modos de viver. A escola, por vezes, aparece como espaço que se opõe à família, tomada a família como espaço “natural” e a escola como organização social inventada para transmissão cultural (SEFFNER; GALET, p. 777, 2016).

Nesse âmbito, a produção das masculinidades gays não acontece por si só de forma soberana nem de maneira desconexa de outras relações sociais, mas é atravessada pelas relações de gênero mediante diversos marcadores identitários e de diferença como raça, classe, etnia, religião. Viver a constituição da masculinidade gay sendo um jovem, negro, periférico, evangélico, classe baixa, de escola pública certamente apresentará inúmeras particularidades (e semelhanças também) em detrimento de viver a constituição da masculinidade gay enquanto jovem, branco, classe média, numa escola privada, por exemplo. Assim, de acordo com o contexto social delineado os processos de construção das masculinidades tendem a ser plurais e antagônicos entre si.

Nesse contexto, de que modos podemos pensar no papel ocupado pelo gênero em relação a constituição das masculinidades gays? Trazendo Judith Butler (2023) ao debate será fundamental considerarmos as implicações das relações de gênero na formação das masculinidades gays no sentido de buscar desnaturalizar as identidades que os sujeitos podem construir ao longo da vida, saindo de algo estático e imutável para uma concepção plural mediante performances de gêneros possíveis. Assim, atitudes como os meninos possuírem letra feia e as meninas não, ou que os meninos de letra bonita sejam associados a identidade gay por esse motivo é algo que precisa ser tensionado e ressignificado.

Performatizar um gênero diz respeito a fabricar, inventar, conjecturar modos de ser e estar no mundo que questionem perspectivas culturais naturalizadas. Igualmente

tensionem tipos de agir ‘corretos’ que compunham a identidade unificada de um sujeito, pois, com efeito, nem tudo o que é agora desse modo foi sempre assim. Nessa perspectiva, agir se torna um ato performativo à medida que a nomeação do objeto passa a produzir o que se supunha apenas designar conforme Butler (2022, p. 213). Nessa ótica, o gênero deixa de ser entendido como algo dado, e passa a ser cotejado enquanto construção feita mediante um trabalho reiterado de tornar identidades e comportamentos adequados, ao passo que “[...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” de acordo com Butler (2023, p. 56, grifo da autora). Assim, o(s) gênero(s) é/são construído(s) a partir de diversas configurações de relações sociais que estipulam seus modos possíveis de atuação.

Nessa seara investigativa, o gênero masculino não é uma categoria natural estabelecida despretensiosamente, por outra via obedece a regimes históricos de construção. Também não é um conceito que dá conta de explicar tudo o que é relativo ao homem, pois está em contiguidade com o sexo e a sexualidade em grande medida. Ressaltando que o gênero masculino pode remeter a características ditas femininas se considerarmos os modos de ser e estar no mundo que vão além da pseudo relação linear dada entre sexo (homem), gênero (masculino) e sexualidade (heterossexualidade), conforme Butler (2023). É importante ponderar que “as restrições tácitas que produzem o ‘sexo’ culturalmente inteligível têm de ser compreendidas como estruturas políticas generativas, e não como fundações naturalizadas” (BUTLER, 2023, p. 253). O natural geralmente é naturalizado e se torna eterno quando não tensionado.

Buscar compreender os homens jovens gays apenas como sujeitos gays e ‘portadores’ de masculinidades gays uniformes diz respeito a reduzi-los a uma identidade sexual, porém eles são mais do que isso, pois, com efeito, o sexo é uma categoria histórica e, portanto, construída temporalmente que atende a interesses de grupos e modelos dominantes. Assim, o sexo não é apenas um dado biológico *a priori* e imutável, mas fundamentalmente uma categoria estabelecida nas e através das relações de gênero por meio de negociações quase imperceptíveis e tomadas como naturais. Nas palavras de Butler (2023, p. 197) “considerando que o ‘sexo’ é uma interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais; o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido gênero desde o princípio”. Dessa forma, é fundamental investigar as especificidades que fazem sexo e gênero possuírem semelhanças *mientras* diferenças em suas construções.

Nesse contexto, tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade obedecem a regimes históricos de construção de verdades, que buscam legitimar determinados interesses de grupos dominantes. Todo ‘centro’ prescinde das fronteiras para se desenvolver, de modo que a sociedade não é binária, e sim multifacetada. “Assim, recuperar a construção da homossexualidade é voltar para a História para buscar entender como o homossexual se estabeleceu nos limites da ‘homossexualidade’, ou seja, até que ponto o que está sendo organizado hoje depende desse passado” (CAETANO; FERRARI, 2023, p. 339). E a nossa intenção ao pesquisar as masculinidades gays é justamente questionar a ideia de um modelo ‘correto’ de ser homem jovem gay e cotejar diversos modos possíveis de sê-lo. Frente a essas considerações, apresentamos a seguir alguns estudos já realizados que abordam as temáticas de juventudes e masculinidades gays no cotidiano escolar.

Procedimentos Metodológicos: investigando aspectos conceituais do tema proposto

Nesta seção, apresenta-se uma parte fundamental da pesquisa: a busca pela ancoragem teórica, na qual se constrói o estado do conhecimento sobre o tema. Essa etapa é essencial para situar a pesquisa no panorama dos estudos existentes, identificando as principais teorias, debates e lacunas que embasam o objeto de estudo. A construção do estado do conhecimento envolve uma revisão crítica, permitindo que o pesquisador compreenda como o tema vem sendo tratado ao longo do tempo e quais questões permanecem em aberto. O estado do conhecimento, portanto, é mais do que uma simples revisão bibliográfica; ele é uma ferramenta que fundamenta a pesquisa ao situá-la no contexto científico e acadêmico, ajudando a esclarecer em que medida o estudo contribui para o avanço da área.

A nossa base de pesquisa para encontrar as produções científicas acerca do tema proposto ocorreu através de três portais: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES/MEC; Repositório Digital da UFRGS – LUME e o Google Acadêmico. Para tanto, aplicamos três filtros básicos, primeiro quanto ao período temporal entre os anos de 2018 e 2024; segundo em idioma Português e, por fim, o terceiro critério quanto a pesquisas relativas à produção de teses e dissertações. Quanto aos descritores utilizados, realizamos quatro combinações, pois numa única busca não aparecia nenhum trabalho devido a quantidade de conceitos empregados. Também percebemos que muitos conceitos atrelados à nossa pesquisa apareceram de forma transversal ao longo das investigações. Um exemplo é o

caso das juventudes que surgiram de forma análoga ao conceito de cotidiano escolar em muitos resultados.

Na primeira busca, utilizamos os seguintes descritores: Juventudes; Gênero; Masculinidades gays. O resultado obtido foi o seguinte: CAPES (2 resultados); UFRGS-LUME (1 Resultado); Google acadêmico (5 resultados). Modificamos a estratégia e optamos por utilizar somente o conceito de “masculinidades” devido a forma anterior com o termo “gays” restringir o número de trabalhos encontrados, no que tange selecionarmos o que nos interessaria através da leitura dos títulos e resumos. Com a segunda busca o saldo se mostrou diferente: CAPES (6 resultados); UFRGS-LUME (109 resultados); Google acadêmico (420 resultados). Visando expandir e melhorar a pesquisa realizamos uma terceira busca mediante a inserção do conceito de “cotidiano escolar” e o resultado foi o seguinte: CAPES (4 resultados); UFRGS-LUME (32 resultados); Google acadêmico (250 resultados). Desse montante, selecionamos através da leitura dos resumos cinco trabalhos para investigar seus percursos teóricos.

Muitas produções se repetiram ou surgiram em duplicata ao longo dos três portais. Também cabe ressaltar que houve um número maior de resultados no Google acadêmico por este não fornecer tantas opções de refinamento quanto os outros dois sítios de busca. A partir do montante encontrado, selecionamos efetivamente para leitura, análise e síntese quatro dissertações, três teses e cinco artigos por entender que estes se alinhariam mais adequadamente a perspectiva que pretendemos desenvolver durante a pesquisa.

A primeira dissertação selecionada foi construída pelo pesquisador Leandro Nascimento (2002), intitulada: “Gênero e sexualidade na escola: normatizações nos discursos de jovens sobre identidade de gênero e orientação sexual”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo como orientador o professor Ivanildo Amaro de Araújo. Essa dissertação teve como objetivo geral “entender como [a] articulação discursiva da escola influencia as subjetividades e a produção discursiva entre os jovens, a respeito dos constructos de gênero e sexualidades” (NASCIMENTO, 2022, p. 8). A pesquisa viabilizou-se através da metodologia da conversa de forma que “[...] foram utilizadas rodas de conversa, análises de caso, fontes bibliográficas e empíricas e observações do cotidiano”, conforme Nascimento (2022, p. 45). Nesse formato de pesquisa, a conversa se estabelece e ganha corpo à medida que um ambiente de amizade e reciprocidade é forjado entre o pesquisador e os demais sujeitos da pesquisa.

Situando a escolha metodológica Nascimento (2022, p. 73-74, grifo do autor) aponta que “escolher a conversa como metodologia é propor uma escuta de quem vivencia o cotidiano da escola para perceber o que acontece neste espaçotempo, o que se passa que não conseguimos ver e ouvir a partir somente dos discursos dos docentes, coordenadores, diretores...”. Conversar tem a ver com se aproximar daqueles sujeitos que são diferentes-iguais a si mesmo. Nesse âmbito, tematizar gênero e sexualidade pode ser mais complicado do que outro tema devido ao seu usual estigma no sentido de haver uma busca em encontrar uma suposta normalidade. Nascimento (2022) comenta que os jovens especulavam sua opinião frequentemente tendo em vista a proximidade com a forma correta de ser e viver o gênero e a sexualidade no território escolar, tal como se necessitassem legitimar seus comportamentos através da fala de alguém – uma pessoa de referência, ou ainda um tipo de ‘autoridade’ acerca do assunto.

Durante as rodas de conversa, Nascimento (2022) aponta que alguns estudantes não participaram porque teriam de levar as autorizações aos pais para assinarem, ou saíram antes da atividade acabar pelo medo em expressar suas opiniões. Também se fez presente um clima político de embate ligado a ideia de que estudantes específicos não se manifestariam por serem adeptos aos preceitos bolsonaristas, por exemplo. Considerando as posições radicais do então presidente da república Jair Bolsonaro na época da pesquisa, podemos entender as suposições levantadas no território escolar. Assim, segundo Nascimento (2022, p. 77) “as falas [...] apontam como o discurso de ódio produzido por uma autoridade do país reflete nos comportamentos de jovens dentro da escola”, tendo em vista orientar-determinar suas ações.

Um dado importante mostrado pela pesquisa diz respeito a concepção de binaridade de gênero expressa por parte considerável dos estudantes, no sentido desses perceberem poucas possibilidades de ser homem ou mulher que não aquelas associadas aos modelos hegemônicos, heteronormativos. Ainda assim, os estudantes se mostraram dispostos a falar, conhecer e aprender formas diferentes de ser em contraposição as que eles estavam familiarizados. A escola, nesse interim, tem papel fundamental na produção, afirmação e disseminação desse tipo de atitude e pensamento hegemônico. Esse contexto se não trabalhado adequadamente tem como consequência a proliferação da homofobia, do ódio e da violência física e simbólica ante aqueles que apresentam comportamentos diferentes do modelo heteronormativo. Nesse âmbito, “o que foi percebido é que os estudantes querem falar sobre gênero e sexualidades e a percepção deles é a de que a

escola não fala sobre isso”. (NASCIMENTO, 2002, p. 90-91), sendo importante trazer os jovens para debater esses temas construindo saberes com eles.

A escola não atua sozinha e alheia a produção de gênero e sexualidades no sentido que a religião também exerce papel fundamental nesse processo conforme o autor da pesquisa. A religião serve como um tipo de justificativa para comportamentos intolerantes e preconceituosos. Nessa ótica, o sobrenatural explica e legitima atitudes ‘naturais’, que por sua vez se convertem em regimes de normalidade. “Ao deslocar a resolução de problemas sociais para um ser sobrenatural, políticos inescrupulosos se aproveitam da fé alheia para se manter no poder, pois certas crenças, tiram deles a responsabilidades por muito dos males que padecemos” (NASCIMENTO, 2022, p. 91). Assim, religião e política usualmente se estabelecem em regime de contiguidade-opressão na esfera social.

O aporte teórico utilizado por Nascimento (2002) se baseou principalmente nos seguintes autores: Dagmar Esterman Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012/2014), Gilles Deleuze (1996, 2004), Marisa Costa Vorraber (2001), Guacira Lopes Louro (2001, 2009), Judith Butler (2014), José Machado Pais (1990), Juarez Dayrell (2007, 2011), Michel Foucault (1970, 1971, 1984, 2019), Richard Miskolci (2012, 2018), Sandra Corazza, Tomaz Tadeu (2003).

A segunda dissertação intitulada: “Escola, gênero e masculinidades – é possível fazer uma escola que debata as diferenças?” foi construída pela pesquisadora Janiê Santos (2022) e desenvolvida no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, tendo como orientadora a professora Monalisa Soares Lopes. “O objetivo deste trabalho é uma tentativa sociológica de se entender os mecanismos simbólicos, culturais e institucionais de analisar as percepções masculinas na sociedade e como elas se perpetuam no ambiente escolar” (SANTOS, 2022, p. 7). Desse modo, parte de uma perspectiva de entendimento que toma as masculinidades enquanto produzidas socialmente, e não como uma categoria dada *a priori*.

Devido ao corrente ato de reduzir o gênero ao estudo das mulheres Santos (2022) faz uma ponderação importante em torno das masculinidades também se constituírem num campo importante dos estudos de gênero e que, por conseguinte, ainda demandam muitas investigações. Da mesma forma que estudar gênero também implica pensar na relação deste com questões intrínsecas a raça, a classe, a religião, entre outras. Ainda, significa tensionar por quais atravessamentos as relações de gênero são forjadas em sociedade para além do binarismo homem versus mulher.

A metodologia dessa pesquisa se estabeleceu através de questionários aplicados aos estudantes de uma escola pública localizada na cidade de Caucaia no Estado do Ceará. Durante a análise dos mesmos, verificou-se que os estudantes se mostraram pouco conhecedores dos significados intrínsecos aos conceitos de gênero, sexualidade, masculinidades, o que facilita a (re)produção de situações de preconceitos no ambiente escolar, minando-o de atitudes heteronormativas. Conforme Santos (2022, p. 78) “ao englobarmos escola, gênero e masculinidades compreendemos o quanto estamos envolvidos em um contexto social que reproduz uma divisão sexual nas instituições sociais”, sendo fundamental tensionar esses contextos-conceitos que aparentam naturalidade, no sentido de propor planos com ferramentas de ação em torno de uma educação que não apenas respeita como também valoriza e incentiva a produção de diferenças.

Quanto aos resultados da dissertação, Santos (2022, p. 78) aponta que “a conclusão final do nosso trabalho é o produto fruto desta pesquisa – um plano de aula voltado para incluir os meninos da escola nos debates sobre gênero [...]”. Sendo essa uma estratégia de trabalho profícua considerando que os assuntos relativos a temática investigada nessa pesquisa quando introduzidos nas aulas de acordo Santos (2022) fazem emergir por parte dos meninos comentários sobre ser “conversa de menininha”.

Os principais autores utilizados por Santos (2022) como referência para o desenvolvimento da pesquisa foram os seguintes: Guacira Lopes Louro (2014, 2016), Michel Foucault (1985), Michael Kimmel (1994), Michel de Certeau (1998), Joan Scott (1995), Judith Butler (2013), Pierre Bourdieu (1989), Robert Connell (1987, 2013).

A terceira dissertação denominada: “Juventudes e masculinidades: conversando sobre gênero com estudantes em uma escola pública no município de Feira de Santana-Ba” foi construída pela pesquisadora Neide dos Santos (2019) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, tendo como orientadora a professora Mirela Figueiredo Santos Iriart e coorientador o professor Ivan Faria. A área de concentração se deu a partir do eixo teórico “Educação, Sociedade e Culturas” e a linha de pesquisa intitulada “Culturas, diversidade e linguagens”. Nesse âmbito, esta pesquisa investigou a produção das masculinidades em meio as juventudes no cotidiano escolar a partir dos constantes atravessamentos promovidos pelas diversas formas de sociabilidades juvenis. Essa dissertação possui um caráter qualitativo, e buscou através da observação e interação com os estudantes compreender os modos pelos quais estes expressam e negociam a construção das suas masculinidades no território escolar. Nesse interim, a metodologia de pesquisa está inserida no campo etnográfico

caracterizado pela ida a campo, no caso a escola, e a aproximação empírica com os estudantes através de observações, conversas, entrevistas.

Na revisão bibliográfica, Dos Santos (2019, p. 128) comenta que os estudos sobre as masculinidades ligadas ao contexto escolar em diálogo com as juventudes ainda são pouco explorados, sendo esse um dos motivos para a sua pesquisa ser justificada. Compartilhamos da perspectiva da autora para endossar a pesquisa que estamos delineando no Mestrado e assim ampliar os saberes acerca das juventudes, da escola, das masculinidades e das questões de gênero e sexualidade.

Durante a pesquisa, Dos Santos (2019) buscou investigar a construção e a legitimação dos modelos hegemônicos que delimitam como é ‘correto’ ser mulher e ser homem no espaço escolar, os quais são bastante pautados pelo modelo heteronormativo, e indiretamente, porém não menos importante, na sociedade para além dos muros da escola. “O exercício de desnaturalização de modos hegemônicos de pensar relações de gênero implica compreender como se constroem essas formas de ser masculino, ou seja, como processos de socialização familiar, escolar, religiosa participam dessas construções” (DOS SANTOS, 2019, p. 130). Assim, ser masculino ou feminino obedece a um processo reiterado de comportamentos específicos.

As experiências trazidas pelos estudantes nas interações e entrevistas demonstraram as dúvidas e certezas que eles carregam consigo ao pensar nos possíveis modos de ser e estar na escola que não aqueles hegemônicos, sendo formas singulares e/ou muitas vezes consideradas ‘alternativas’. Assim, percebeu-se uma aproximação com a ideia de diferença(s) enquanto afirmação e não negação, mesmo que ainda se verifique resistência em tratar de temas como a formação das masculinidades. “No entanto, apesar das resistências, nas entrevistas dois deles falaram da estranheza que era para eles falar de “*coisas de homem*” para uma mulher, apontando para a dificuldade em ser entrevistado por uma pesquisadora” (DOS SANTOS, 2019, p. 134, grifo da autora). A postura dos jovens escancara que modificar comportamentos historicamente produzidos é um processo lento, mesmo que se perceba as incoerências no agir quando se tensiona as verdades postas.

Reiterando que a pesquisa se valeu metodologicamente da utilização de entrevistas como recurso de acesso aos sujeitos da pesquisa, e após a interpretação dos saberes obtidos apontou que “[...] masculinidades, sexualidade e relações de gênero, sinalizou tensões existentes entre as configurações identitárias construídas e assumidas pelos/pelas jovens e as expectativas sobre estes projetadas pela família, religião e sociedade, de padrões do que venha

a ser homem e ser mulher. (DOS SANTOS, 2019, p. 10). A base teórica utilizada por Dos Santos (2019) esteve ligada a autores como Paulo Carrano (2009), Sueli Carneiro (2003), Robert Connell (1997, 2013), Rosa Maria Bueno Fisher (2012), Juarez Dayrell (1996, 2003, 2010), Stuart Hall (2000), Silvio Gallo (2011), Guacira Lopes Louro (2014, 2016).

A quarta dissertação intitulada “Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017” foi construída pelo pesquisador Francis Oliveira no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe, tendo como Orientadora a professora Claudiene Santos. A guisa do delineamento do propósito da pesquisa o autor comenta acerca da importância de se pesquisar as masculinidades no âmbito das juventudes tendo como mote investigativo as produções já escritas “objetivando analisar como masculinidades e juventudes estão sendo enunciadas nas produções científicas e que interseccionalidades acontecem entre elas, faz-se importante reconhecer as produções nos cenários local, regional e global” (OLIVEIRA, 2018, p. 7). Assim, as masculinidades se dão em relação a outros marcadores de diferença, mas não isoladas.

É importante ressaltar que Oliveira (2018) se aproximou de um modo de fazer pesquisa ligado aos Estudos Culturais com viés disposto pela interseccionalidade para tematizar a construção das masculinidades jovens. Ao longo da pesquisa, verificou-se que “a presença de múltiplas identidades masculinas juvenis e a maneira como elas se articularam nesses trabalhos mostram o esforço de estudos de matriz feminista na discussão sobre a pluralidade das masculinidades juvenis” (OLIVEIRA, 2018, p. 7). Os estudos das masculinidades são atravessados pelos feminismos e vice-versa.

Em relação ao número de trabalhos, tipo de pesquisa e forma de abordagem desenvolvidas Oliveira (2018, p. 54) apontou que “os trabalhos de pesquisa (135) tiveram como abordagem, em sua maioria, trabalhos qualitativos (80,7%), seguida de trabalhos quantitativos (18,5%) e um, que se autodenominou de abordagem mista (0,8%), o que aponta para trabalhos exploratórios desse campo.” Ainda, segundo Oliveira (2018) “com relação ao caráter metodológico das pesquisas sobre masculinidades e juventudes, publicadas entre 2000 e 2017, ganham destaque as categorias Documental (25,2%), Estudo de caso (21,5%) e artigos que desenvolvem estudos Exploratórios (17%)”.

Visando elucidar e esclarecer, mas não com a pretensão de enquadrar num sentido e metodologia unívocos Oliveira (2018, p. 58) elaborou uma categorização a partir das pesquisas dividindo as mesmas em 6 subcategorias: primeira “Identidades masculinas juvenis”; segunda “Análises de artefatos culturais”; terceira “Práticas de violência e

masculinidades juvenis”; quarta “Saúde sexual e reprodutiva”, quinta “Sociabilização”; e por fim, a sexta “A Educação forjando masculinidades”. Os principais autores utilizados por Oliveira (2018) foram os seguintes: Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008, 2015), Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2009), José Machado Pais (1993, 2003), Judith Butler (2001, 2008, 2014), Michel Foucault (1979, 1999, 2001, 2008), Stuart Hall (1997, 2006).

A primeira tese selecionada para análise intitula-se “Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays” foi construída pelo pesquisador Wendell Ferrari (2021) e desenvolvida na Fundação Oswaldo Cruz em seu Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher, tendo como orientador o professor Marcos Antônio Ferreira do Nascimento. Segundo Ferrari (2021, p. 8) “esta tese tem como objetivo compreender as trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays cisgêneros, pertencentes a camadas populares, moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil”.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que toma o sujeito a partir de suas experiências subjetivas, as quais envolvem um ambiente político atrelado as negociações constantes sobre quem se é e pode ser. O percurso metodológico abarcou a utilização de entrevistas para acessar as experiências dos jovens gays, de modo que “a realização de entrevistas em profundidade permite a apreensão da percepção e da vivência pessoal das situações e eventos que constituem a trajetória de uma pessoa” (FERRARI, 2021, p. 59). A metodologia que Ferrari (2021) se valeu para organizar e interpretar as informações obtidas está inserido nos ditames da pesquisa qualitativa e se denomina “análise temática”, no que tange este procedimento teórico permitir descrições complexas e densas de um mesmo dado da experiência.

No âmbito dos resultados da pesquisa, verificou-se a solidão como categoria predominante entre os jovens gays, a qual segrega com mais força quem não se encaixa nos modos hegemônicos como ser branco, malhado, forte, não afeminado. Assim, a solidão afeta bastante esses jovens, pois são jovens gays e a sociedade é predominantemente heteronormativa e heterossexual. Os principais autores que Ferrari (2021) se aproximou para construir sua base teórica foram os seguintes: Antony Giddens (1989, 1991), Bell Hooks (1981, 1992, 1994), Joan Scott (1990), Juarez Dayrell (2002, 2003), Judith Butler (2003, 2005), Lélia Gonzalez (1988, 1982, 2011), Robert Connell (1992, 1995, 2010).

A segunda tese selecionada denomina-se “Mind the trap: construção de masculinidades juvenis e suas implicações com o desempenho escolar”, sendo construída

pelo pesquisador Luciano da Silva (2018) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo como orientador o professor Fernando Seffner. “Esta tese tem como objetivo mostrar como a construção das masculinidades juvenis produzem armadilhas na intersecção da trajetória escolar dos meninos do ensino médio da escola pública e seus projetos de vida futuros” (SILVA, 2018, p. 7). Ainda, que as armadilhas comumente estão atreladas aos modelos hegemônicos, patriarcais, heteronormativos de viver a condição de menino e menina.

O arcabouço metodológico utilizado por Silva (2018) diz respeito a bricolagem, que está atrelada a prática da etnografia, mas vai além dela. Nesse sentido, a pesquisa não se restringiu ou conformou a um método único e linear, uma vez que fazer bricolagem tem a ver com articular diversas técnicas metodológicas em benefício do processo investigativo que tensiona as verdades. Nesse processo de pesquisa, Silva (2018) se valeu da observação etnográfica, elaborou e pôs em prática entrevistas, construiu seu caderno de anotações de campo, propôs grupos de discussão, dinâmicas de sala de aula, conversou com os sujeitos da comunidade escolar de maneira informal e propositiva sempre com olhar arguto. Inserida no campo das teorias pós-críticas, o delineamento desta tese não se restringiu a busca de uma resposta taxativa de problemáticas, mas se deteve na elaboração de questionamentos, que por sua vez suscitaram mais perguntas e assim endossaram os caminhos de pesquisa.

Durante a pesquisa, mostraram-se evidentes os privilégios imediatos e perigosos que é ser jovem sob um ponto de vista hegemônico, uma vez que as supostas vantagens momentâneas tendem a se transformar em insucesso e armadilhas num futuro não muito distante após o período escolar. Daí a razão do título da tese envolver a expressão *Mind the trap*, que significa algo em torno de “cuidado com a armadilha”.

Assim, essa ideia de armadilha que aqui se apresenta vai depender de que menino se está falando. O menino branco, heterossexual, de classe social mais elevada terá as mesmas oportunidades na vida do que outro menino marcado por outros fatores sociais e discursivos diferentes desses? Qual será a armadilha para este menino branco de que se está falando neste parágrafo? A armadilha, assim, pode ser algo construído pelo próprio menino. São pequenas atitudes, pequenas ações, ações cotidianas, gestos aparentemente sem importância, conforme o que nos disse Foucault, mas que dizem muito de cada um desses meninos. (SILVA, 2018, p. 41).

Vantagens que se verificam em situações que delegam ao menino alguma superioridade, no que tange não precisar estudar tanto quanto as meninas, sendo aceitável e até normal o desleixo com os cadernos. Nesse contexto, caso “[...] os meninos não

tenham o material completo na sala de aula, porque não é isso que se quer de nenhum aluno ou aluna, por outro lado, caso não tenham esse material, no caso dos meninos, atribui-se a isso um comportamento esperado de um menino” (SILVA, 2018, p. 108). Nessa ótica, segundo os modelos hegemônicos a menina deve ser alguém dócil, dedicada, de boa caligrafia que cuida dos seus materiais de estudo, caso contrário não terá êxito na vida.

Isso denota alguns dos comportamentos esperados e adequados a cada sujeito no contexto escolar. São papéis e performances de gênero construídas historicamente que geralmente passam despercebidas e se retroalimentam em sociedade. Conforme Silva (2018, p. 109) “o gênero, assim, não decorre do sexo, ou do corpo sexuado, mas de um conjunto de atitudes que um corpo sexuado executa.” Nesse contexto, o gênero seria produzido pela linguagem e o sexo composto pelas diferenças anatômicas entre os corpos, em que pese ambos estão em constante atrito no que tange o sexo também se tornar um produto da linguagem a partir do momento em que se diz o que o corpo supostamente é. Assim, sexo, gênero e sexualidade se entrelaçam no estudo das juventudes escolares, em que corpos masculinos não podem ser reduzidos a teoria falocêntrica. Desse modo, as masculinidades não seriam fruto apenas da biologia, da cultura, da história, mas um entrelaçamento dessas categorias nos-com os corpos.

Esta tese teve como foco de trabalho a masculinidade hegemônica, porém isso não omite a presença dos outros modos de ser e estar na escola, uma vez que as relações de gênero evidenciam que nem o menino ou a menina se fazem sozinhos. A norma prescinde da diferença que é composta pela ideia de fronteira, ou daqueles que ficam a margem.

As atitudes simples, que muitas vezes não são consideradas no dia a dia do ambiente escolar foram observadas com olhar arguto e atenção especial por Silva (2018). Essas minúcias dizem muitas coisas sobre os jovens, os professores, a cultura escolar, pois de alguma maneira representam e coadunam para o todo. “Nesse contexto, cadernos incompletos, caligrafia, apresentação de trabalhos, agenda onde anotar as datas das provas, lugar onde se sentar na sala de aula, negociação com os professores, tudo foi levado em consideração” (SILVA, 2018, p. 226). Os principais autores que Silva (2018) se aproximou para desenvolver sua tese são os seguintes: Alfredo Veiga-Neto (2007), Dagmar Estermann Meyer (2012), Guacira Lopes Louro (2001, 2004, 2007), Jeffrey Weeks (2001), Joan Scott (1995), Judith Butler (2001, 2003), Michel Foucault (1987, 2010), Robert Connell (2005, 2013).

A terceira e última tese selecionada intitula-se “As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidades de jovens no contexto escolar”, sendo construída pela pesquisadora Elisete França (2018) no Programa de doutorado multi-institucional e multidisciplinar em difusão do conhecimento da UFBA / IFBA / LNCC, MCT / UEFS / CIMATEC, tendo como orientadora a professora Suely Aldir Messeder. Delineando o objetivo da pesquisa França (2018, p. 8) aponta que “[...] o intuito dessa investigação é compreender como as relações de sociabilidade influenciam na construção e (re) interpretação das masculinidades de jovens numa escola pública estadual de Salvador”. Essa pesquisa é de natureza qualitativa e se valeu metodologicamente de instrumentos como a observação participante, as entrevistas e os grupos focais. Não obstante todo esse aparato metodológico, o que de fato norteou a pesquisa foi o estudo de caso escolhido por França (2018) para ser a opção fundamental dos caminhos investigativos.

Segundo França (2018, p. 50) através do diálogo com os jovens estudantes foi possível verificar o quanto as experiências vividas por eles tensionaram os processos atrelados a construção e reconstrução das relações de gênero e masculinidades. “Essas descobertas foram observadas por meio das entrevistas e do grupo focal feito com os estudantes, bem como das observações do contexto escolar” (FRANÇA, 2018, p. 50).

Durante a interação com os estudantes França (2018) ressalta que três categorias se mostraram proeminentes nas falas deles: brincadeiras, família e violência. Muitos estudantes tensionaram a ideia de que ser homem forte significa ser violento e exercer o papel dominante a todo custo ininterruptamente. A violência pode estar no âmago da sociedade em geral constituindo as relações de poder, na hegemonia da heterossexualidade como norma dominante e inquestionável que segrega as sexualidades e formas de ser e pensar diferentes – os dissidentes. Pensando no tripé escola-estudante-sociedade França (2018, p. 158) aponta que os estudantes disseminam no território escolar a violência presente em sociedade.

O conceito de família tem se alargado ao longo da história, principalmente no século XXI. Nesse sentido, dois homens ou duas mulheres homossexuais também podem ser consideradas uma família, em que pese essa configuração familiar costuma sofrer muitas resistências em sociedade por questões que envolvem a sexualidade, a raça, a classe e o preconceito atrelado. Nessa perspectiva, de acordo com França (2018, 103) “as configurações das práticas de gêneros nesta composição familiar atendem aos padrões designados no âmbito cultural, e assim a família desempenha uma função relevante para

reiterar os padrões de gênero desde a infância”, sendo papéis negociados e não dados *a priori*.

Sobre a outra categoria apontada como proeminente na pesquisa temos a brincadeira, que surgiu no decorrer das interações do grupo focal. Os meninos por supostamente necessitarem desenvolver sua virilidade podem e devem brincar se aproximar de brincadeiras que demandam força, o que já não é comumente bem visto em relação as meninas pela sua hipotética docilidade. Nessa ótica, conforme França (2018, p. 77) as brincadeiras servem como forma de apropriação dos códigos culturais e papéis de gênero a serem apreendidos implicitamente. O futebol apareceu na fala das juventudes como algo “normal”, o que indicaria ser brincadeira de menino. Os principais autores utilizados por França (2018) foram os seguintes: Deborah Britzman (2010), Gayle Rubin (2012), Clifford Geertz (2008), Guacira Lopes Louro (2010), Jeffrey Weeks (2010), Jurema Werneck (2010), Michel Foucault (1979, 1988, 2010), Suely Carneiro (1993).

O primeiro artigo selecionado para análise é intitulado “As relações sociais de gênero entre os/as jovens estudantes do campo: identidades e masculinidades”, construído pelas pesquisadoras Edilania de Paiva Silva e Emanuela Oliveira Dourado (2021). Esse trabalho toma as categorias de estudantes, masculinidades e gênero a partir das perspectivas pós-críticas, dos estudos culturais atreladas ao pensamento pós-moderno. Os jovens estudantes dessa pesquisa estão inseridos em uma realidade de campo, o que as diferencia em alguma medida de outras juventudes oriundas de grandes centros urbanos de modo a tornar a condição de jovem estudante já plural entre si.

Algumas questões que orientaram a pesquisa conforme Silva e Dourado (p. 50), 2021) foram “quais dimensões da diversidade marcam o perfil dos/as jovens estudantes do Ensino Médio? Quais aspectos constituem os seus universos socioculturais e quais elementos favorecem a sua constituição identitária?”. As ferramentas de investigação utilizadas com os jovens estudantes foram um questionário prévio, a observação participante e a tertúlia dialógica cultural, esta última caracterizada por ser um espaço de diálogo entre os participantes de maneira que suas falas sejam respeitadas enquanto saberes contextuais. Durante o desenvolvimento das atividades de pesquisa em campo as autoras comentaram que notaram certo rubor e confusão entre os jovens estudantes sobre pensar o que significa possuir um sexo, gênero e sexualidade, ou mais precisamente transitar entre mais de uma categoria no sentido de pertencimentos identitários, ao invés de possuir uma identidade fixa e imutável. As tertúlias dialógicas culturais serviram como aparato metodológico importante para buscar problematizar essas indagações dos jovens

estudantes, visto que usualmente poucas discussões abertas são propostas pela escola para abordar esses temas.

De acordo com Silva e Dourado (p. 51, 2021) “durante a fase do trabalho de campo, foi possível captar algumas situações que revelam o silenciamento que emerge do cotidiano escolar sobre as questões de gênero [...]”. Outros saberes relevantes que surgiram a partir dos questionários são a predominância de binarismos de gênero presentes entre os jovens estudantes, tal como se apenas fosse “correto” ser menino ou menina sob os comportamentos hegemônicos em que a título de ilustração o menino é malandro, macho, possui liberdade, tem cabelo curto, usa a cor azul e a menina, por sua vez, tem cabelo longo, usa a cor azul, é insegura. Nesse contexto, a organização da sociedade em forma de heterossexualidade compulsória tende a se perpetuar em detrimento de jeitos de viver as masculinidades e as feminilidades. Os principais autores utilizados como referência teórica foram Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2014), Joan Scott (1995), Guacira Louro (200, 2003), Helena Hirata (2014), Roseli Mello (2003), Stuart Hall (2015), Tomaz Tadeu da Silva (2014).

O segundo artigo selecionado para estudo é intitulado “Espaço de meninos: reflexões sobre a construção das masculinidades por adolescentes de uma escola pública do município do rio de janeiro”, escrito pela pesquisadora Aline Carvalho (2022). Nas palavras de Carvalho (p. 156, 2022) “[...] esse artigo busca discutir intervenções realizadas em uma escola do município do Rio de Janeiro, por meio de uma disciplina que se voltou para a construção das masculinidades com estudantes dos anos finais do ensino fundamental II”. A metodologia de trabalho se baseou numa proposta de pesquisa-intervenção em que se investiga com os sujeitos da pesquisa, e não sobre eles, exigindo do pesquisador uma atitude dialógica buscando compreender as multiplicidades de perspectivas possíveis envolvidas na produção dos saberes escolares atrelados as masculinidades. O número de estudantes matriculados na disciplina foi de vinte seis meninos, com idades entre treze e quinze anos.

Conforme Carvalho (p. 158, 2022) “a disciplina procurou perceber o esforço dos meninos e as estratégias mobilizadas por eles no sentido de corresponder aos ideais de uma masculinidade hegemônica dentro e fora do contexto escolar [...]”, evidenciando que esse conceito de masculinidade tem nas atitudes ditas femininas o seu polo oposto e alguns comportamentos a serem evitadas a todo custo sob pena de parecer “menos másculo” ou gay, que a título de ilustração seria como brincar de boneca ou chorar. Assim, podemos supor que a masculinidade hegemônica projeta um tipo de homem

perfeito no sentido deste não apresentar nenhuma “fraqueza” que implique dificuldade em superá-la ou demonstre o caráter propriamente humano da pessoa, e com isso sua propensão ao erro.

Outra ponderação importante que o artigo nos instiga a fazer é sobre a produção das masculinidades não estarem atreladas apenas aos homens, mas também às mulheres quando em situações que envolvem o termino de um namoro, por exemplo, os meninos apresentarem comportamento triste que pode gerar comentários ofensivos por parte das meninas sobre fraqueza. Não se trata de culpabilizar elas ou eles, e sim de buscar compreender que ambos são constituídos socialmente através da cultura e, portanto, irão desenvolver grande parte dos modos hegemônicos de viver em sociedade agindo de maneira lúcida ou não. Os principais autores utilizados como referência foram: Bel Hooks (2020), Raewyn Connell (2015), Robert William Connell (2013, 1995), Lígia Amâncio (2004).

O terceiro artigo selecionado para estudo é intitulado “Imagens do cotidiano escolar: gênero e sexualidades nos desenhos de estudantes de uma escola pública”, elaborado por Jonas Júnior e Leandro Silva (2020). Esse artigo se propõe a esquadrihar e a interpretar imagens-pichações que tenham relação com a produção de gêneros, sexualidades e masculinidades no cotidiano escolar. Foram vinte e duas imagens analisadas e apenas duas delas não possuíam o pênis como protagonista, o que nos permite a conjecturar que um tipo de masculinidade hegemônica ligada a cultura do pênis enquanto elemento de virilidade, referência e força prepondera no cotidiano escolar. Nesse sentido, todas as representações do pênis se deram com ele ereto e ativo a ponto de ejacular e disseminar a continuidade da espécie humana, todavia nunca de modo frágil e inerte tal como se apresentar um pênis em estado de repouso tornasse o homem fraco. As masculinidades dissidentes, que são consideradas assim por possuírem outros modos de habitar o cotidiano escolar que não a hegemônica, costumam sofrer preconceitos por não agirem como essa. Ao fim do artigo os autores nos instigam a pensar:

Imagine se os/as professores/as fotografassem, com foco no desenho, essas representações de conotação sexual, fizessem uma espécie de dossiê e comessem a dialogar sobre isso com o corpo docente, discente – com prévia autorização dos/as responsáveis e da direção local – a partir dos desenhos? Como seria a reação dos/as demais agentes educadores/as? Qual seria a reação dos/as pais/mães/responsáveis? E qual seria o discurso dos/as alunos/as? Decerto são muitas perguntas e diversas possibilidades de respostas que vão emergir aos/às indagadores/as. Dessa forma, podemos criar uma

metodologia de debate com as turmas de nossas escolas; podemos desenvolver um colóquio com os/as educandos/as, partindo da própria imagem representada por algum/a colega deles/as, para problematizar, em sala de aula, por exemplo, a construção do corpo do Pica-Pau tecnologizado, que descentraliza a estética normalizada dos gêneros e das outras imagens ora apresentadas. (JUNIOR e SILVA, p. 191, 2020).

Autores utilizados como referência: Guacira Louro (1999), Roland Barthes (1971), Sandra Corazza (2000), Michel Foucault (2006), Donna Haraway (1994).

O quarto artigo selecionado para estudo é intitulado “Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão”, elaborado por Leandro Brito e Dilton Junior (2019). Essa pesquisa buscou problematizar os sentidos construídos em torno das masculinidades dissidentes a partir do cotidiano escolar e seus aparatos de normalização através de entrevistas feitas com jovens estudantes autoproclamados gays. Os conceitos de precariedade ou vidas precárias e performatividade são inspirados em Judith Butler (2009) para pensar que a vida em si é precária no sentido de ter um fim, mas também que algumas vidas se tornam mais precárias e dissidentes que outras como é o caso de pessoas negras, homossexuais, mulheres, por exemplo. Conforme Brito e Junior (2019, p. 289) “as vidas precárias são vidas historicamente ignoradas, silenciadas, experiências sociais dissidentes que buscam outras formas de ser e estar no mundo” que não os modos hegemônicos.

Outro aspecto relevante é que essa pesquisa não buscou apontar as masculinidades dissidentes por si só, e sim tencionar possibilidades de vida atreladas essas performances de gênero em meio ao cotidiano escolar, no que tange conjecturar outros modos de habitar o/no espaço escolar que vão além do modelo hegemônico. Os principais autores usados como referência teórica foram Richard Miskolci (2013, 2017), Guacira Louro (2008, 2013), Michel Foucault (2013, 2014), Judith Butler (2009, 2015, 2018).

O quinto artigo selecionado para estudo é intitulado “Entre cotidiano escolar e vivências: masculinidades em escolas de periferias”, construído por Paulo Melgaço Silva Junior e Márcio Caetano (2018). Este trabalho aborda alguns modos pelos quais jovens adolescentes de uma escola periférica constroem suas masculinidades a partir de seus contextos sociais em contiguidade ao cotidiano escolar. Os estudos Culturais e de gênero foram tomados como referência para auxiliar a compreender as experiências encontradas.

As masculinidades são percebidas durante a investigação como construídas pelas sociedades tendo em vista cada período histórico, contudo isso nem sempre ou muito vagamente aparece no decorrer das atividades pedagógicas. Nesse sentido, Silva Junior e

Caetano (2018, p. 27) comentam que “homens aprendem a se tornar homens” mediante uma série de comportamentos e modos estabelecidos reiteradamente até o instante de não se conseguir mais situar a origem de tal ato, parecendo eterno e *a priori*. Ademais, os autores também buscaram estudar a construção das masculinidades para além da hegemônica num atravessamento de fluxos identitários em permanente (des)construção. Os principais autores usados como referência teórica foram Elisabeth Badinther (1993), Judith Butler (2003), João Silvério Trevisan (1998), Luiz da Moita Lopes (2002, 2006), Pierre Bourdieu (1995).

Considerações Finais

A guisa da interpretação dos saberes encontrados durante o estudo das masculinidades gays atreladas ao espaço escolar entendemos que homens jovens gays em meio ao cotidiano escolar compõe um vasto campo de possibilidades de estudo. Narrativas de vida que podem ser construídas a partir de existências, resistências e re-existências de corpos e subjetividades que buscam amiúde ser quem “são-sendo” num jogo permanente de negociações identitárias, mediante posturas que implicam uma ‘simples’ oposição as normas vigentes, ou então a proposição de novas maneiras de atuar naquele território através do conceito de re-existência. Essa atitude permite conjecturar a educação enquanto arte, arte de existir re-existindo plasticamente.

Nesse contexto, talvez, se possa falar numa luta por espaço, mas não exatamente o espaço físico das paredes, e muito mais aquele ligado a cultura do corpo que está a ponto de contar novas histórias de sujeitos que reivindicam o direito a diversidade. Corpos e singularidades que intentam falar de si através de sua própria boca, e que são silenciados por pensamentos hegemônicos, pela heteronormatividade compulsória, que buscam cercear o direito as diversas possibilidades em viver a constituição das suas masculinidades gays. Esses movimentos perpassam a clandestinidade e a mostra de quem se é, ou ainda transitam entre a afirmação e o recuo dependendo contexto e dos demais sujeitos envolvidos, numa constante mensuração dos riscos da exposição de si.

Percebemos também ao longo do percurso bibliográfico que os estudos das masculinidades gays não dizem respeito apenas a homens estudando homens, mas também sobre como a cultura masculinizada presente através do regime da heteronormatividade costuma dizer o que e como pode ser feito em relação a educação. A partir do momento em que as juventudes e os demais sujeitos da educação

compreenderem que as masculinidades também estão atreladas as feminilidades e as relações de gênero de maneira geral os seus modos de agir no mundo poderão ser transformados com mais efetividade.

Notamos também que é importante ficar atento as supostas vantagens em ser homem no sentido da heteronormatividade, uma vez que isso aparenta ser uma vantagem na juventude, no que tange ocorrer uma reversão de tal perspectiva na vida adulta quando meninas estão cada vez mais acessando o ensino superior e conquistando bons posto de trabalho, por exemplo, ainda que esse quadro seja enviesado por hierarquias de gênero notadas nas remunerações salarias no momento em que um homem recebe mais em relação a uma mulher mesmo exercendo função equivalente.

Nesse contexto, pensar em elementos que parecem óbvios em meio a construção das masculinidades gays no espaço escolar se torna uma atividade fundamental, pois questões sobre como o que é masculino ou feminino atravessam as relações sociais usualmente carregadas preconceitos que cerceiam modos de ser e estar no mundo plurais. Fica a provocação: como o cotidiano escolar pode ser diferente do que ele é ao se tensionar os regimes das masculinidades e das relações de gênero hegemônicos tendo em vista a (co)existência de outros modos possíveis?

Referências

BRITO, Leandro Teófilo; JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 11, p. 284–302, 2019. DOI: 10.9771/peri.v1i11.28893. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28893>. Acesso em: 4 out. 2024.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CARVALHO, Aline Paixão Miranda. Espaço de meninos: reflexões sobre a construção das masculinidades por adolescentes de uma escola pública do município do Rio de Janeiro. *Revista Crítica Histórica*, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 153–169, 2022. DOI: 10.28998/rchv11n22.2020.0008. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11195>. Acesso em: 8 out. 2024.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 14/12/2023.

DOS SANTOS, Neide Pinto. Juventudes e masculinidades: conversando sobre gênero com estudantes em uma escola pública no município de Feira de Santana-Ba. 2019. 151 f. Projeto de pesquisa (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FALCÃO, Nádia Maciel; CALDAS, Rafaela Silva Marinho; BARROS, Ellen Belmonte. Juventude e Projeto de Vida na Reforma do Ensino Médio: análise da política pública e perspectivas das pesquisas na área da Educação. *Revista Espaço Pedagógico*, [S. l.], v. 30, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/14360>. Acesso em: 22 dez. 2023.

FEIXA, Carles; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; SANTOS, Andreia Mendes dos. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. *Educar em Revista*, v. 34, n. 70, p. 311-325, jul. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58145>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/V3LyTqKVFwfz6ZGNnfVVBbz/>. Acesso em: 05/01/2024.

FERRARI, Wendell. *Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gueis*. 2021. 421 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021.

FRANÇA. Elisete Santana da Cruz. *As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidades de jovens no contexto escolar*. 2018, 189 f. Tese (Doutorado). Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC), Salvador, 2018.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. In: MARGULIS, Mario (editor). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

MEYER, D. E.; ANDRADE, S. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36463>. *Educar Em Revista*, UFPR, Curitiba, n. 1, p. 85-99, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hT39ppnhSjW5DyJgz73CdB/?lang=pt>. Acesso em: 15/04/2024.

NASCIMENTO, Leandro Lopes do. *Gênero e sexualidade na escola: normatizações nos discursos de jovens sobre identidade de gênero e orientação sexual*. 2022. 98 f. Projeto de pesquisa (Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias.

OLIVEIRA, Francis Fonseca. *Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017*. 2018. 98 f. Projeto de pesquisa (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SEFFNER, Fernando; SILVA, Luciano. Canetas coloridas ou mini-skates? coisas de meninas e coisas de meninos na cultura escolar. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 13, p. 31-60, 2014.

SEFFNER, Fernando. GALET, Carmen. Dois olhares sobre masculinidades no ambiente escolar: Brasil e Espanha. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 11, n. 2, p. 767–782, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8322>. Acesso em: 03 out. 2024.

SANTOS, Janiê Lidia Maia Cunha. *Escola, gênero e masculinidades – é possível fazer uma escola que debata as diferenças?* 2022. 82 f. Projeto de pesquisa (Mestrado em Sociologia) - Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

SANTOS, Janiê Lidia Maia Cunha. *Escola, gênero e masculinidades – é possível fazer uma escola que debata as diferenças?* 2022. 82 f. Projeto de pesquisa (Mestrado em Sociologia) - Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

SILVA, Luciano Ferreira da. *Mind the trap: construção de masculinidades juvenis e suas implicações com o desempenho escolar*. 2018. 238 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto alegre, 2018.

SILVA, Edilania de Paiva; DOURADO, Emanuela Oliveira. As relações sociais de gênero entre os/as jovens estudantes do campo: Identidades e masculinidades. *Juventude*. [S. l.], n. 17, p. 48–53, 2021. Disponível em: <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/193>. Acesso em: 2 out. 2024.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da; SILVA, Leandro Rodrigues da. Imagens do cotidiano escolar: gênero e sexualidades nos desenhos de estudantes de uma escola pública. *Retratos da Escola*, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 177–192, 2020. DOI: 10.22420/rde.v14i28.1104. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1104>. Acesso em: 8 out. 2024.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; CAETANO, Márcio Rodrigo Vale. Entre cotidiano escolar e vivências: masculinidades em escolas de periferias. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 24–34, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/8210>. Acesso em: 3 out. 2024.

Recebido em setembro de 2024.

Aprovado em outubro de 2024.